

## Povos Indígenas no Brasil

Fonte Journal do Brasil Class.: 39  
Data 27/05/92 Pg.: \_\_\_\_\_

# Kari-Oca tem muitos índios e poucos tocos

■ Discursos são traduzidos para línguas dos colonizadores na reunião que contou com a presença do ianomâmi Kopenawa

Cristiane Ramalho  
e Octavio Guedes

Os tocos de madeira cortados por índios do Xingu para servir como assentos na Conferência Mundial dos Povos Indígenas foram insuficientes para os numerosos delegados que participaram na manhã de ontem da primeira sessão plenária do encontro. Como verdadeiros *gentlemen*, muitos índios brasileiros sentaram-se no chão e ofereceram seus lugares aos representantes estrangeiros, que compareceram em massa.

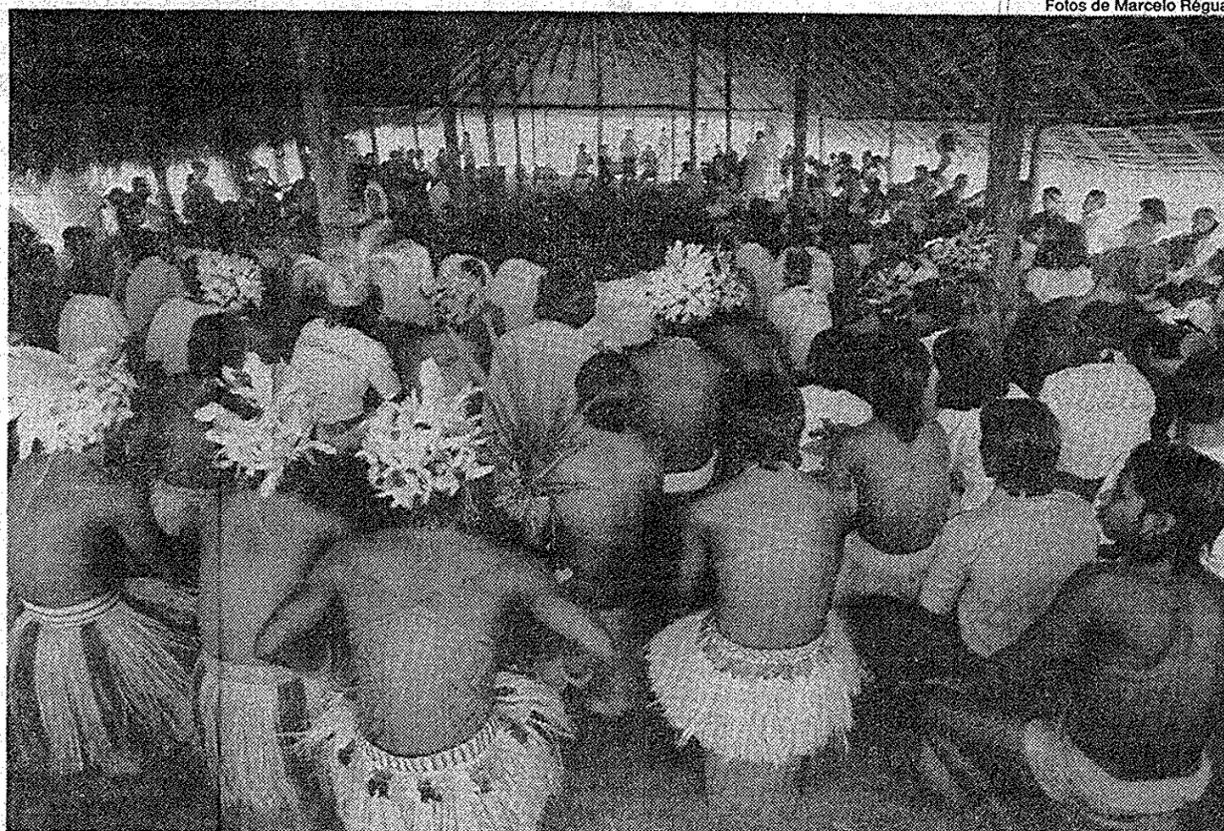
Para que todos os índios entendessem o que estava acontecendo, os discursos foram traduzidos nas línguas dos países colonizadores — espanhol, português e inglês. Um dos representantes do Conselho Mundial dos Povos Indígenas, Rodrigo Contreras, traduzia do inglês para o espanhol, e o coordenador do encontro, Marcos Terena, do espanhol para o português. Para facilitar os debates, os índios foram orientados a não utilizar seus idiomas nativos e só se expressarem na língua dos colonizadores. O documento final da Conferência Indígena, que segundo promessa do secretário-geral da ONU para a Rio-92, Maurice Strong, será lido para os chefes de Estado, também terá tradução para as três línguas.



A chegada do líder dos ianomamis, Davi Kopenawa, que estava em Brasília com o presidente Collor, agitou a Kari-Oca. Na segunda-feira, Davi foi ao Palácio do Planalto oficializar a demarcação das terras da tribo, quando pediu a ajuda de Collor para todos os índios brasileiros. "Viemos buscar mais coragem e agradecer aos irmãos que nos ajudaram nesta luta", disse Davi.

Impedido de participar da cerimônia de abertura da conferência na segunda-feira, o presidente da Funai, Sidney Possuelo, esteve ontem na Kari-Oca para uma "visita de solidariedade". "A conferência mostra que os índios já estão organizados a ponto de se articularem sozinhos", disse Possuelo, lembrando que o acordo entre os povos aborígenes será tão difícil quanto o dos *caraibas*, mas que o simples encontro já é um avanço e pode abrir alternativas para ajudar o governo a encontrar soluções.

Na hora do almoço, os índios terena dançaram e cantaram em homenagem aos estrangeiros. Até o final da tarde de ontem, cerca de 400 índios do Brasil e do exterior já haviam chegado para o encontro. Segundo Marcos Terena, ainda são esperadas delegações do Amazonas, Xingu, Roraima e Acre.



Fotos de Marcelo Régua

Na primeira plenária, índios brasileiros tiveram que ceder seus lugares aos estrangeiros

## Tribos exigem devolução de itens de museu

O Museu Nacional da Quinta da Boa Vista e o Museu do Índio, ambos no Rio de Janeiro, precisam devolver às tribos brasileiras todas as peças indígenas que expõem atualmente. A reivindicação é do chefe dos índios tucano, Álvaro Tucano, que considera uma ofensa à cultura indígena a exposição de peças que para eles são sagradas. "Estes objetos devem ser devolvidos acom-

panhados de um pedido de desculpas, pois foram furtados de nossos povos." Segundo Alvaro, os índios não vão fazer um pedido formal, por entender que eles não devem solicitar o que para eles é um dever dos brancos. "Se a gente quiser, a gente saqueia o museu e retoma o que nos foi roubado", afirmou.

A devolução de peças e até de corpos de ancestrais expostos como atrações culturais em museus da Europa também é uma das lutas dos índios do Primeiro Mundo. Segundo o chefe do governo dos aborígenes da Austrália, Clarrie Isaacs, só nos museus europeus há três mil cadáveres de líderes nativos australianos. A denúncia interessou aos índios brasileiros e a Survival International, entidade de apoio às tribos indígenas, que iniciou ontem uma pesquisa para

saber se há corpos de índios do Brasil expostos na Europa. A representante da entidade na Conferência Mundial dos Povos Indígenas, Fiona Watson, ligou ontem à noite para Londres, encomendando o estudo.

Para o coordenador da Conferência, Marco Terena, "as questões indígenas não devem ser postas em museus". Ele sugeriu que a aldeia Kari-Oca se transforme, após a conferência, no Centro da Ciência e da Memória Indígena. "Ao contrário dos museus, este centro ofereceria uma educação ambientalista aos visitantes. Cada tribo brasileira poderia demonstrar sua ciência durante sete dias. Assim, teríamos 180 semanas sem repetir a programação", disse.

## ECOS DA OCA



Os índios do Brasil foram os primeiros na fila da comida

■ Surgiu um *Kame-lódromo* na Kari-Oca. A ideia de montar a feirinha entre as ocas partiu dos índios brasileiros.

■ Alguns preços do *Kame-lódromo*: filé de pirarucu — Cr\$ 50 mil; arco e flecha — Cr\$ 40 mil; cocar com pena de galinha — Cr\$ 20 mil. Até agora, não apareceu nenhum freguês pagando em dólar.

■ "Gente, acertem seus relógios que a conferência vai começar daqui a 15 minutos." Foi assim, bem ao estilo cara-pálida, que uma índia terena avisava sua tribo do início da sessão plenária.

■ Os indígenas estão dando uma lição de civilidade: os orelhões da Telerj instalados na aldeia estão sendo muito bem preservados. Além disso, índios só joga lixo nos latões da Comlurb. Os garis estão maravilhosos e têm tempo até para jogar futebol.

■ Uma pequena gafe na primeira plenária da conferência: na hora do almoço, os índios brasileiros foram os primeiros a abandonar a oca, enquanto a delegação africana era apresentada. Os índios do exterior ficaram por último na fila da comida.

■ Uma cena emocionou o coordenador da Conferência, o índio Marcos Terena: os índios Caiapós e Carajás se confraternizavam ao redor da fogueira. Até pouco tem-

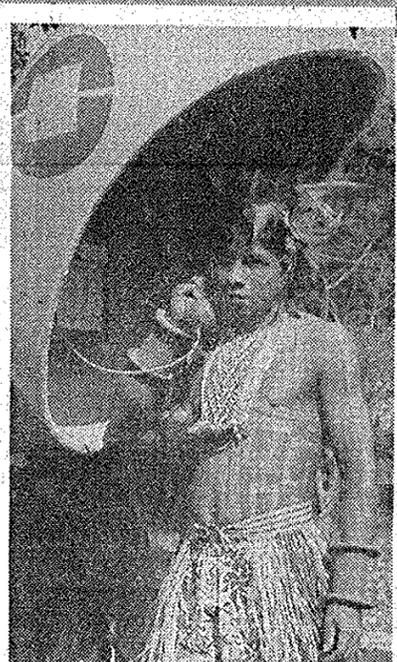
po, esta cena era inimaginável, pois as tribos eram inimigas.

■ Depois de avisar mil vezes que fotografias e filmagens estavam proibidas durante a cerimônia sagrada do cachimbo da paz feita pelos índios canadenses, Rodrigo Contreras, que servia de intérprete, desabafou: "Se vocês não me entenderem, me digam. Eu falo em inglês, em espanhol, em português. E até invento uma nova língua, se for preciso". A imprensa estrangeira respeitou, já a brasileira...

■ O apelo de Marcos Terena, coordenador do encontro, ao antropólogo e senador (PDT) Darcy Ribeiro, para que a prefeitura instalasse energia elétrica na aldeia surtiu efeito. Não por conta de Marcello Alencar, mas pelo GTN. Ontem, além das placas de energia solar, já havia luz elétrica na Kari-Oca.

■ Com a lotação esgotada na aldeia, onde estão dormindo 210 índios, faltou *cama*. O problema foi solucionado através da doação de 60 redes, conseguidas às pressas junto a outros participantes.

■ Alguns internos da Colônia Juliano Moreira estão loucos para participar da festa. De dia, passeiam próximo à aldeia, olhando com curiosidade para o movimento.



Orelhões estão conservados